

HAITI

Dilemas e Fracassos Internacionais



Coleção Relações Internacionais e Globalização, 47

Ricardo Seitenfus

# HAITI

## Dilemas e Fracassos Internacionais



Editora UNIJUÍ

Ijuí  
2014

© 2014, Editora Unijuí  
Rua do Comércio, 1364  
98700-000 - Ijuí - RS - Brasil -  
Fone: (0\_\_55) 3332-0217  
Fax: (0\_\_55) 3332-0216  
E-mail: editora@unijui.edu.br  
Http://www.editoraunijui.com.br

*Editor:* Gilmar Antonio Bedin

*Editor-Adjunto:* Joel Corso

*Capa:* Alexandre Sadi Dallepiane

*Imagem odeteana:* DAOLIVEIRA

*Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:*

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste  
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:  
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

S461h Seitenfus, Ricardo.

Haiti : dilemas e fracassos internacionais / Ricardo Seitenfus. – Ijuí :  
Ed. Unijuí, 2014. – 464 p. – (Coleção relações internacionais e  
globalização ; 47).

ISBN 978-85-419-0108-6

1. Política. 2. Movimentos sociais. 3. Globalização. I. Título. II.  
Título: Dilemas e fracassos internacionais III. Série.

CDU : 316.32

339

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

A Coleção *Relações Internacionais e Globalização* é uma iniciativa da Editora Unijuí, direcionada à publicação de textos que privilegiem a abordagem interdisciplinar dos diversos aspectos que envolvem as relações internacionais. O objetivo da coleção é colocar à disposição dos leitores interessados um conjunto de obras que contribuam para a qualificação do debate sobre o tema e ajudem na compreensão das transformações do mundo atual.

## CONSELHO EDITORIAL

Antônio Jorge Ramalho da Rocha (UNB — Brasil)  
Argemiro Luís Brum (Unijuí — Brasil)  
Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca — Itália)  
Doglas Cesar Lucas (Unijuí — Brasil)  
Eduardo Biacchi Gomes (PUC/PR e Unibrasil — Brasil)  
Francesco Leita (Universidade de Pádua — Itália)  
Gabriele Orcalli (Universidade de Pádua — Itália)  
Gigliola Landucci (Universidade de Pádua — Itália)  
Gilmar Antonio Bedin (Unijuí — Brasil)  
Isaac Maidana (Ministério das Relações Exteriores — Bolívia)  
Isabel Vaz (UFMG — Brasil)  
José Manuel Pureza (Universidade de Coimbra — Portugal)  
Luis Humberto Villwock (Unisinós — Brasil)  
Luiz Antônio Pinazza (FGV — Brasil)  
Marcel Marloie (Inra — França)  
Marcos Sawaya Jank (Icône — Brasil)  
Mauro de Rezende Lopes (FGV — Brasil)  
Odete Maria de Oliveira (UFSC — Brasil)  
Rafael A. Duarte Villa (USP — Brasil)  
Raimundo Batista dos Santos Junior (Ufpi — Brasil)  
Rene Mauget (Essec — Imia — França)  
Rui Moura Ramos (Universidade de Coimbra — Portugal)  
Shiguenoli Miyamoto (Unicamp — Brasil)  
Sidney Guerra (UFRJ — Brasil)  
Valeriano Mendes Ferreira Costa (Unicamp — Brasil)  
Wagner de Menezes (USP/SP — Brasil)  
Wladimir Brito (Universidade do Minho — Portugal)

## COMITÊ EDITORIAL

Argemiro Luís Brum (Unijuí — Brasil)  
Gilmar Antonio Bedin (Unijuí — Brasil) — Coordenador  
Odete Maria de Oliveira (UFSC — Brasil)  
Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca — Itália)  
Raimundo Batista dos Santos Junior (Ufpi — Brasil)



*Para Maria, minha princesinha caribenha, com amor*

*Não podemos assegurar a inocência de ninguém, ao passo que  
podemos afirmar, com certeza, a culpa de todos.*

*(Albert Camus)*



# SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	11
<b>PREFÁCIO</b> .....	15
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>O IMUTÁVEL HAITI E SEUS</b>	
<b>DESENCONTROS COM O MUNDO</b> .....	25
<b>CAPÍTULO 1</b>	
— O buraco negro da consciência ocidental .....	29
<b>CAPÍTULO 2</b>	
— A natureza do dilema haitiano .....	63
<b>CAPÍTULO 3</b>	
— Um golpe para a democracia: a queda de Aristide .....	83
<b>CAPÍTULO 4</b>	
— Esperança e desilusão: a América Latina diante da crise.....	113
<b>CAPÍTULO 5</b>	
— A Minustah: derradeira intervenção?.....	147

## SEGUNDA PARTE

### OS DESCAMINHOS INTERNACIONAIS:

<b>O drama</b> .....	191
CAPÍTULO 6	
— A cólera da natureza: o terremoto .....	195
CAPÍTULO 7	
— A CIRH: a crise no interior do drama.....	245
CAPÍTULO 8	
— Haiti ou Haitong?.....	265
CAPÍTULO 9	
— A cólera dos homens .....	287
CAPÍTULO 10	
— René Préal: o florentino do Caribe.....	313

## TERCEIRA PARTE

### OS DESCAMINHOS INTERNACIONAIS: A Paródia.....337

Capítulo 11	
— Uma missão quase impossível.....	341
Capítulo 12	
— A tensa jornada eleitoral .....	355
Capítulo 13	
— A escalada .....	377
Capítulo 14	
— Uma simples entrevista .....	403
Capítulo 15	
— O desfecho .....	421
<b>CONCLUSÃO</b> .....	441
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	455

# LISTA DE ABREVIATURAS

- ABC — Agência Brasileira de Cooperação
- Acisos — Ações Cívico-Sociais
- Alba — Aliança Bolivariana para as Américas
- BBC — British Broadcasting Corporation
- BIT — Bureau Internacional do Trabalho
- BNH — Banque Nationale d'Haïti
- Brides — Bureau de Recherche en Informatique et en Développement Économique et Social
- Caricom — Comunidade do Caribe
- CC — Centro Carter
- CDHNU — Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas
- CDI — Carta Democrática Interamericana
- CEP — Conselho Eleitoral Permanente
- Cepal — Comissão Econômica para América Latina e o Caribe
- Ceress — Centro de Educação, Pesquisa e Ações em Ciências Sociais e Penais
- CEV — Comissão Especial de Verificação
- CI — Comunidade Internacional
- Cida — Canadian International Development Agency
- CIDC — Coalition for International Development Companies
- CIDH — Comissão Interamericana de Direitos Humanos
- CIJ — Corte Internacional de Justiça
- CIN — Cédula de Identificação Nacional
- CIRH — Commission Intérimaire pour la Reconstruction d'Haïti

CGI — Clinton Global Initiative  
CM — Clube de Madri  
CNE — Conseil National d'Équipement  
CNO — Conselho Nacional de Observação das Eleições  
Conhane — Conselho Haitiano de Atores não Estatais  
Core Grupo — Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Nações Unidas, Organização dos Estados Americanos e União Europeia  
COV — Centro de Operações e de Verificação  
CPOEA — Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos  
Cresfed — Centro de Investigações e de Formação Econômica e Social para o Desenvolvimento  
CSNU — Conselho de Segurança das Nações Unidas  
CTCP — Collège Transitoire du Conseil Electoral Permanent  
CTV — Centro de Apuração dos Votos  
DAP — Disaster Accountability Project  
Dala — The Damage and Loss Assessment  
Deco — Departamento de Cooperação e Observação Eleitoral da Organização dos Estados Americanos  
DPKO — Department for Peacekeeping Operations das Nações Unidas  
DPP — Detenção Provisória Prolongada  
Fadisma — Faculdade de Direito de Santa Maria  
FAH — Forças Armadas do Haiti  
FAL — Fuzil Automático Leve  
Fespa — Forum Économique du Secteur Privé des Affaires  
FMI — Fundo Monetário Internacional  
Fokal — Fundação Conhecimento e Liberdade  
FSP — Foro de São Paulo  
Grupo ABC — Argentina, Brasil e Chile  
Hasco — Haitian American Sugar Company  
Ibas — Índia, Brasil e África do Sul

Ibesr — Instituto do Bem-Estar Social  
Ifes — International Foundation for Electoral Systems  
IJDH — Instituto de Justiça e Direitos Humanos  
IML — Instituto Médico Legal  
Interpol — Organização Internacional de Polícia Criminal  
Ipec — Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil  
ISC — Iniciativa da Sociedade Civil  
Mercosul — Mercado Comum do Sul  
MICIVH — Missão Civil Internacional no Haiti  
MIF — Multinational Interim Force  
Minustah — Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti  
MOE — Missão de Observação Eleitoral  
Moufhed — Mouvement des Femmes Haïtiennes pour l'Éducation et le Développement  
MSF — Médicos Sem Fronteiras  
NDI — National Democratic Institute  
NED — National Endowment for Democracy  
Noei — Nova Ordem Econômica Internacional  
OAS — Grupo OAS (Brasil)  
Ocde — Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
OEA — Organização dos Estados Americanos  
OIT — Organização Internacional do Trabalho  
OMS — Organização Mundial de Saúde  
Onaca — Agência Nacional de Registro de Terras  
ONG — Organização Não Governamental  
Ongat — Organização Não Governamental de Alcance Transnacional  
ONI — Office National d'Identification  
ONU — Organização das Nações Unidas  
OPAS — Organização Pan-Americana de Saúde  
OPL — Organização do Povo em Luta

Pacegi — Conselho Consultivo Presidencial para o Desenvolvimento Econômico e Investimentos

PADF — Pan American Development Foundation

PAM — Programa Mundial de Alimentos

PCB — Partido Comunista Brasileiro

PCC — Partido Comunista Cubano

PCF — Partido Comunista Francês

PDVSA — Petróleos de Venezuela S. A.

PEDN — Plano Estratégico de Desenvolvimento Nacional

Petrobras — Petróleo Brasileiro S. A.

PNH — Polícia Nacional do Haiti

PSDB — Partido da Social Democracia Brasileira

PNUD — Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PT — Partido dos Trabalhadores (Brasil)

PwC — Price, Waterhouse and Coopers

RNDDH — Réseau National de Droits de l'Homme

SGNU — Secretário Geral das Nações Unidas

Sonapi — Société Nationale des Parcs Industriels

STF — Supremo Tribunal Federal

UE — União Europeia

UEH — Universidade de Estado do Haiti

Unam — Universidade Nacional Autônoma do México

Unasul — União das Nações Sul-Americanas

Unesco — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Unicef — Fundo das Nações Unidas para a Infância

Unpol — Polícia das Nações Unidas

Unocha — Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários

Usaid — United States Agency for International Development

WB — Banco Mundial

# PREFÁCIO

Ricardo Seitenfus é minha referência sobre o Haiti, desde quando comecei a debater o tema. Isto aconteceu nas vésperas de o Brasil enviar um contingente militar a Porto Príncipe.

Naquela ocasião, como deputado de oposição, questionei a remessa de tropas brasileiras. Minhas lembranças do processo haitiano não davam margem ao otimismo.

Acabara de ler um relatório de Régis Debray, escrito para o governo socialista da França, no qual o escritor revelava todas as dificuldades de intervir positivamente no Haiti. Além da pobreza, o país era um cemitério de obras fracassadas ou inconclusas.

Nas minhas lembranças estava também o romance de Graham Greene, *Os Comediantes*, no qual ele menciona estradas arruinadas, construídas no tempo da ocupação militar americana.

O que o Brasil iria fazer no Haiti? Como garantir que sua presença não era apenas mais um ato numa sucessão de intervenções fracassadas?

Ricardo Seitenfus foi ao Congresso discutir o tema e me convenceu, com seus conhecimentos e, sobretudo, por meio de sua empatia com a cultura haitiana, de que havia uma chance de êxito na presença brasileira.

De lá para cá muita coisa se passou no Haiti, inclusive um trágico terremoto. O livro de Seitenfus rememora todos os lances importantes da intervenção e nos oferece também uma excelente e profunda visão da história haitiana, do isolamento de um país que ousou se libertar do colonialismo francês e trilhar o caminho da independência.

Como alguém que pensou um novo caminho para o Haiti, vivendo os problemas cotidianos do país, durante e depois do terremoto, Seitenfus não só apresenta uma crítica precisa dos erros cometidos ali como manifesta uma certa apreensão pelo futuro.

Uma das frases de seu livro, no meu entendimento, deveria ser gravada na entrada do Haiti e lida por todos que acreditam estar mudando a história haitiana: “Aqui, não há nada a pacificar e tudo a construir”.

Seitenfus avalia também o processo de construção de um novo Haiti, o emaranhado de Organizações Não Governamentais, a fragilidade das instituições e, sobretudo, depois do terremoto, a invasão religiosa dos que querem salvar o Haiti de seu “equívoco religioso”, o vodu.

O Haiti tornou-se uma página aberta na qual todos querem escrever sua epopeia ou exorcizar seus fantasmas. O que quer o povo haitiano, porém? Quando será de novo o mestre de seu destino?

Como funcionário internacional e conhecedor do país, Seitenfus oferece uma visão detalhada de todos os equívocos e possíveis acertos da presença estrangeira no Haiti.

Ele revela em detalhes a tensão entre o comando brasileiro das Forças de Paz e o poderoso esquema que sempre vê a intensificação da repressão como uma saída para as sucessivas crises haitianas.

O ponto mais delicado dessa tensão foi o suicídio do general Urano Bacellar, comandante brasileiro das Forças de Paz. No momento em que morreu era pressionado para alterar o viés social que o Brasil procurava dar ao seu trabalho e substituí-lo por uma política mais repressiva.

Suicídios são sempre muito complexos para se explicar com um só motivo, mas sem dúvida a tensão e as pressões que o general Bacellar sofreu tiveram um papel importante na sua morte.

Olhando para trás, quando mesmo divergindo tínhamos uma certa esperança na colaboração estrangeira no Haiti, jamais poderíamos imaginar que as forças militares da ONU, as que iriam proteger o país, levassem para o Haiti mais um fator destrutivo: a epidemia de cólera, disseminada pela presença de soldados nepaleses contaminados pelo vírus.

São muitos episódios dramáticos, desde o princípio do Haiti. Seitenfus os analisa com precisão e amor. Ele mesmo adverte no começo do livro que está falando não só de um país que estuda, mas de um país que ama, de um povo com o qual simpatiza e vê nele inúmeros potenciais.

Forças de ocupação, forças de reconstrução, estadistas salvadores, como Bill Clinton, religiosos americanos que desembarcam no Haiti querendo livrá-lo de uma “religião infernal” — todos passam pelo crivo da avaliação de Seitenfus.

Quando discutíamos a ida de tropas brasileiras para o Haiti não presentíamos a sucessão de tragédias que envolveria o país.

Seitenfus foi fiel as suas opções. Mergulhou na vida haitiana, aprofundou seus conhecimentos históricos e culturais sobre o país, e hoje nos oferece um quadro extremamente rico e detalhado dos acontecimentos.

É um livro definitivo sobre a história do Haiti. Uma descrição profunda da intervenção, feita por um quadro internacional que fez parte dela. Não é só isso, entretanto: é uma renovada declaração de amor ao Haiti e seu fascinante povo.

Rio de Janeiro, abril de 2014

*Fernando Gabeira*

Escritor, jornalista, foi deputado federal



# INTRODUÇÃO

*O mar que conduz a Cipango e a estas ilhas onde os homens morrem  
loucos e felizes.*

(Albert Camus)

Abordar o Haiti significa experimentar, ao mesmo tempo, fortes e múltiplas sensações contraditórias. Trata-se de um país extravagante, maximalista, irritante, excepcional, intrigante, corajoso, emocionante, devastador, frágil, precioso, digno, orgulhoso, injusto. A longa adjetivação nos convence de que se trata de um país mais para ser sentido do que para ser pensado.

Ao resumi-lo restam dois sentimentos contraditórios: desespero e encantamento. O primeiro surge por variados caminhos: a análise das frias estatísticas sociais e econômicas, o conhecimento de sua história política posterior à independência, o mergulho na insustentável crueza do cotidiano da grande maioria de seu povo ou ainda as relações promíscuas mantidas com alguns parceiros internacionais, sempre dispostos a lhe estender a mão, embora na maioria das vezes se trate do abraço do afogado.

O encantamento decorre da força doce e risonha de seu povo, de seu amor sem limites à vida, da inocência bela e elegante de suas crianças, de sua epopeia pioneira e única na luta pelos direitos humanos, de sua estoica e ao que parece infinitamente elástica capacidade para suportar indizíveis condições de sobrevivência, em sua arte multiforme sustentada em uma realidade local a transmitir valores universais, em suas paisagens sublimes e sedutoras a esconder terríveis e recorrentes perigos.

A dicotômica sensação persegue a todos que tentam uma aproximação com o Haiti. Impossível dela se desvencilhar. O olhar acurado sobre o Haiti somente torna-se possível quando afastado o maniqueísmo, as fórmulas feitas e acabadas, as teorias levadas a simplificar a indômita, complexa e contraditória realidade. Ou seja, quando não se procede à eleição do preto ou do branco, pois, na verdade, o que predomina é o cinzento das zonas sombrias.

O entrelaçamento do real maravilhoso de Alejo Carpentier com o real contraditório haitiano aconselha que para nos aproximar de nosso objeto, devemos mergulhar na pele do outro, despojar-nos das ideias preconcebidas, nos afastarmos da aparência que tende a esconder a realidade, divorciar-nos da tentação que conduz a conclusões apressadas, estarmos aptos a mais ouvir do que a falar. Somente assim teríamos uma ínfima possibilidade de penetrar nos meandros de uma sociedade fascinante a desafiar, nestes últimos 50 anos, tanto os acordes melodiosos quanto os tambores guerreiros da modernidade. Ora, foi uma atitude exatamente inversa a que tivemos ao longo da História, constituindo o principal fio a conduzir nossa desinteligência.

O Haiti vive desde 1986 um conflito doméstico de baixa intensidade. Trata-se da inevitável luta pelo poder entre atores políticos. Ausentes uma situação de guerra civil, ou o risco de crimes coletivos ou ainda a perspectiva de genocídio. Ao contrário. Os índices de violência estão entre os menores da região. A única particularidade desta disputa política consiste no fato de que não são respeitadas as regras do jogo democrático.

O Haiti tampouco constitui uma ameaça aos seus vizinhos. Em 1995 aboliu suas Forças Armadas e dispõe unicamente de uma Polícia Nacional, pobremente equipada e treinada, além de reduzidos efetivos.

Apesar destas condições, foram enviadas ao Haiti, entre 1993 e 2013, nada menos que sete missões de intervenção militar, policial e civil patrocinadas pelas Nações Unidas (ONU) com o apoio da Organização dos Estados Americanos (OEA). Devido à falta de alternativa e uma percepção

caolha dos desafios haitianos, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) chamou para si a responsabilidade de supostamente “estabilizar” o país. Inclusive a atual intervenção, que pretende ser a derradeira, intitula-se Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah).

O sistema de prevenção de litígios, mormente o das Nações Unidas, não é adaptado às necessidades e ao contexto haitiano. Como explicar senão pela inadaptabilidade sistêmica, que tenha sido necessário, no prazo de uma década, fazer com que a ONU retornasse ao Haiti em seis ocasiões com missões de diferentes naturezas?

O Haiti foi historicamente objeto de uma atenção negativa por parte do sistema internacional. Percebido como uma ameaça, é a força que define as relações do mundo com o Haiti e jamais o diálogo. Localizado numa bacia caribenha considerada mare nostrum por Washington, escassas milhas o separam da ilha rebelde de Cuba, o Haiti também é tributário de seus históricos vínculos com a França. Todos estes supostos parceiros buscam alcançar um único objetivo: congelar o poder e transformar os haitianos em prisioneiros da própria ilha. O receio que os balseiros (ou boat people) fujam da ilha explica as decisões internacionais em relação ao Haiti. O que se quer é que os haitianos permaneçam no país a qualquer custo.

O Haiti é também vítima da ação de certas Organizações não Governamentais de Alcance Transnacional (Ongat), pois existe uma relação maléfica e perversa entre a força destas e a fraqueza do Estado haitiano. A maioria delas só existe em razão da desgraça haitiana. Vítima igualmente da caridade alheia que não pode constituir o motor de suas relações exteriores. Vítima, enfim, de uma elite mercantilista e de uma classe política predadora.

Mais de 90% do sistema educativo e de saúde são privados. O país não dispõe de recursos públicos sequer para fazer funcionar de maneira mínima um aparelho estatal. A ONU fracassa ao não levar em conta os elementos culturais. Resumir os desafios do Haiti a uma ação militar piora ainda mais a situação de um dos principais problemas do país: a debilidade de sua estrutura econômica. O grande desafio, além do político, é socioe-

conômico. Quando a taxa de desemprego atinge 80% da força de trabalho disponível, é contraproducente e imoral montar uma Operação de Paz e enviar soldados sob o falso rótulo de uma Missão de Estabilização. Não há nada a estabilizar e tudo a construir.

Ao longo de dois séculos, a presença de tropas estrangeiras se alterou com a de ditadores. O pecado original do Haiti, na cena mundial, é sua liberação. Os haitianos cometeram o inaceitável em 1804: um crime de lesa-majestade para um mundo inquieto. O Ocidente era, na época, colonialista, escravocrata e racista. Sustentava-se com a exploração das terras conquistadas. Assim, o modelo revolucionário haitiano assustou as grandes potências colonialistas e racistas. Os Estados Unidos somente reconheceram a independência do Haiti em 1862 e a França exigiu pesada compensação financeira para aceitar essa libertação. Logo, a independência é comprometida e o desenvolvimento entravado. Desde então o mundo nunca soube como tratar o Haiti e resolveu ignorá-lo. Iniciaram-se então os 200 anos de solidão do Haiti no cenário internacional.

O Haiti é um concentrado dos dramas e dos fracassos da solidariedade internacional. A ONU aplica cegamente o capítulo VII de sua Carta e envia suas tropas para impor uma operação de paz. Ela justifica-se com a desculpa burocrática de que o mandato do CSNU descarta operações que não sejam as militares. As condições haitianas fazem com que, de fato, seu mandato se limite à manutenção da paz dos cemitérios.

Proporcionalmente ao número de habitantes, o Haiti é o país que supostamente mais recebe ajuda externa, tanto privada quanto pública. O haitiano é, segundo as múltiplas e variadas estatísticas disponíveis, o que mais caro custa à cooperação internacional. Antes do sismo já era assim. Após 12 de janeiro de 2010, o fenômeno ampliou-se de tal maneira que é legítimo interrogar-se sobre as características e os resultados desta “corrida ao ouro” para a indústria da ajuda internacional na qual se transformou o Haiti.

Contrastando com o imenso volume de suposta ajuda concedido, os resultados são pífios. Os programas financiados com recursos externos tendem a desaparecer tão logo repassados aos parceiros haitianos, pois ausente qualquer vestígio de sustentabilidade. O país faz jus ao pouco elogiioso título de cemitério de projetos. Pode-se agregar que o Haiti é o país das ilusões e da inocência perdidas, das frustrações infinitas, dos sonhos desfeitos, do purgatório das boas intenções.

O ano de 2010 ficou conhecido como o mais terrível da história haitiana, marcado por três acontecimentos maiores. O primeiro ocorre em 12 de janeiro, quando um terremoto destrói a região metropolitana de Porto Príncipe matando 316 mil pessoas, ferindo outras tantas e desabrigando aproximadamente 1,5 milhão de pessoas.

O segundo tem início em meados de outubro e se prolongará por muitos anos. Trazido por soldados nepaleses a serviço da Minustah, pela primeira vez aporta no país o vibrião do cólera. As desumanas condições sanitárias que imperam no Haiti fizeram com que a epidemia se alastrasse, matando 8 mil pessoas e infectando outras 800 mil.

Enfim, o terceiro acontece por ocasião das eleições presidenciais de fins de novembro de 2010 e dão lugar à intromissão — tão inverossímil quanto vergonhosa — de determinados países ditos amigos do Haiti, da ONU e da OEA, impondo um candidato não somente à revelia da vontade popular, mas também contrariando elementares regras diplomáticas e basilares princípios eleitorais. Raramente escancaramos de tal forma as debilidades, contradições e covardia que acometem o mundo quando se debruça sobre o Haiti.

Este livro retrança, a partir do interior dos acontecimentos, o *annus horribilis* do Haiti. Ele divide-se em três partes. Na primeira serão assentadas as premissas da complexa e fascinante realidade haitiana confrontada com os avatares de suas relações externas. A segunda, centrada no terremoto de janeiro de 2010 e na epidemia de cólera trazida à Ilha Espanhola pela

operação de paz das Nações Unidas, desenha a dimensão da tragédia haitiana. Finalmente, a terceira parte será dedicada aos embates políticos, eleitorais e de poder desencadeados pela sucessão do presidente René Préval.

Presença constante na História haitiana, seja por rejeição e boicote, seja por indiferença diante dos seus dramas, o Ocidente desempenha papel essencial na construção dos mitos e realidades do atual Haiti.

Embora pretenda ser analítico, o que marca este livro é a simplicidade de uma narrativa direta e sem floreios, redigido com o exclusivo intuito de contribuir para as mudanças que devem ocorrer nas relações do mundo com a irrequieta e incompreendida Ilha que no passado foi considerada a Pérola das Antilhas.

Caso o leitor venha buscar neste livro consolo para seu bem-estar, afago agradecido pelo que o mundo aporta ao Haiti ou fórmulas acabadas que entendem, explicam e resolvem os dramas e dilemas aqui retratados, melhor seria que encerrasse a leitura antes de tê-la iniciado. Da inquietação com o drama cotidiano do Haiti não poderia resultar outra coisa a não ser um texto preocupado, sensível, corajoso, quase desesperado.

Este livro não foi escrito para agradar quem quer que seja. Muito provavelmente a grande maioria de atores institucionais aqui mencionados não o apreciará. Embora, como alerta Camus em *A Queda*, se estivéssemos em uma democracia, seríamos todos culpados. Não é o caso. Ante o descalabro da suposta cooperação internacional, a convivência criminosa de parte da elite haitiana e o sofrimento sem-fim da maioria de sua população, não há como transigir.

Trata-se de um testemunho engajado escrito por alguém imbuído da tênue esperança que ele contribua para reduzir o tempo que falta para que o mundo e o Haiti encontrem outro caminho, distinto daquele que trilham até o presente, em suas relações recíprocas.